



O MAL EM SANTO AGOSTINHO

Cássio Barbosa de CASTRO*
Rullian José Kopke Sarmiento dos SANTOS**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo esclarecer o entendimento quanto ao problema do mal no pensamento de Santo Agostinho, em contrapartida ao pensamento dos maniqueístas. O mal para um maniqueu é concebido como algo físico, corpóreo, que está em constante luta com o bem, tentando roubar-lhe o seu brilho e magnitude. Já em Agostinho, a concepção de mal é contrária a esta. Este pensador explicita que Deus é o autor das coisas boas e que o mal só se faz presente quando os homens optam por utilizar de maneira errada os dons concedidos por Deus. Nesse sentido, Agostinho supera a resposta maniqueísta quanto a essa problemática e, assim, dá um passo para além de um pensamento racional, fundamentado apenas no empírico. Agostinho traz para sua fundamentação a existência de Deus e, a partir dela, explicita mais uma vez o problema, dando a ele uma resposta à luz da fé e da razão, mostrando que o mal no homem consiste no fato deste, afastando-se de Deus, não querer buscar a Verdade.

Palavras-chave: Mal. Maniqueísmo. Deus. Livre-Arbítrio. Vontade Livre.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, investigar-se-á o pensamento agostiniano, apresentando o percurso que Agostinho fez para que chegasse à definição que se apresenta no

* Mestre em Teologia Patristica e História da Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Docente do curso de graduação em Teologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

** Graduando em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora(CES/JF).

tocante ao estudo do mal no mesmo. Com isso, realizar-se-á uma exposição metodologicamente explicativa, buscando clarear o entendimento quanto ao pensamento do qual Agostinho envereda, em seus primeiros passos, na busca pelo conhecimento e acompanhar-se-á, desde esse primeiro momento, a sua caminhada intelectual e filosófica até chegar ao pensamento que é reconhecido pela filosofia, como sendo originalmente seu.

A escolha deste filósofo se pautou no fato de que o mesmo apresenta uma compreensão clara e bem fundamentada sobre tal questão, muito questionada pelo ser humano, ao deparar-se com a maldade existente no mundo.

O pensamento de Agostinho é marcado por muitas contribuições racionais. Inicia-se com o pensamento maniqueísta, que vive e experimenta em sua juventude. Depois, começa a ter contato com algumas correntes filosóficas e começa a se interessar pelo campo da filosofia. Nesse período, entra em contato com o pensamento dos estóicos, dos cétricos e de Cícero, autores que chamam a atenção de sua consciência para um acontecimento novo: o de que a verdade não era uma coisa que se apresentava pronta e acabada. Assim sendo, ele começa a comungar de tais pensamentos e, posteriormente, abandona o seguimento do pensamento maniqueísta por perceber que os argumentos destes não se fundamentavam e que eram contraditórios. Por fim, conhece o bispo Ambrósio, em Milão, e começa a se interessar pela possibilidade e facilidade que este tinha de aproximar o pensamento grego dos ensinamentos das Sagradas Escrituras, demonstrando-lhe que o Antigo Testamento não devia ser desconsiderado como pregavam os maniqueístas.

Mudando seu foco do pensamento maniqueísta e percebendo incoerências em tal raciocínio, começa então, baseado no catolicismo, a refletir sobre a questão do mal que tanto o assolava e que continuava a lhe inquietar. Com essa busca incessante por uma resposta racional para essa problemática, Agostinho chega a uma formulação própria de que o mal não pode ser algo ontológico-cosmológico como os maniqueístas pensavam ser. Isso explicitado, poder-se-á procurar uma resposta possível à questão que auxilia a nossa pesquisa. Eis a questão: O mal para Agostinho é o mesmo para os maniqueístas?

Como referencial teórico para fundamentação de nossa pesquisa, foram utilizadas as seguintes obras: **O livre-arbítrio** (1995) e **Contra os acadêmicos, a ordem, a grandeza da alma, o mestre** (2008), ambas de autoria de Santo

Agostinho; **Maniqueísmo**: história, filosofia e religião (2003), de Marcos Roberto Nunes Costa; **Agostinho, sobre o mal** (1995), de G. R. Evans; **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa (2012), de Philotheus Boehner e Etienne Gilson e **Santo Agostinho: uma biografia** (2017), de Peter Brown. Além disso, o **Dicionário de filosofia** (2007), de Nicola Abbagnano, foi utilizado para melhor compreensão de alguns termos pertinentes à temática.

Isso posto, a questão de investigação proposta se tornou relevante pelo fato de se poder aprimorar o conhecimento quanto ao modo de pensar o bem e o mal. Por isso, o presente artigo foi dividido em três sessões, sendo que na primeira foi explicitado o pensamento maniqueísta e seus fundamentos; na segunda, a concepção agostiniana de Deus e na terceira, o problema do mal na concepção de Agostinho.

2 O PENSAMENTO MANIQUEÍSTA

O maniqueísmo é uma religião¹ originária do século III, fundada por Mani, pensador nascido na Babilônia do Norte, no distrito de Mardinu, localizado entre os rios Tigre e Eufrates, no ano 216 d.C. Em suas obras, Mani não faz nenhuma referência à sua história familiar. O que existe é uma reprodução criada por seus discípulos, que, por analogia, aproximam-na à de Cristo. Seu pai, por frequentar a religião helxassaísta, insere-o na mesma crença, quando este já tinha seus quatro anos de idade. Na prática da religião helxassaísta, Mani teve contato com os princípios gnósticos² e cristãos que a permeavam e que mais tarde serviram-lhe de base para construção de sua própria concepção religiosa.

Aos doze anos de idade, Mani recebe uma revelação de um anjo do reino da luz. Este lhe anuncia a sua condição de Paracleto, ou seja, aquele que tudo conhece. Sendo denominado o detentor de toda a verdade, Mani começa a desconfiar da religião helxassaísta, mas por ainda ser muito novo, não se desliga dela de maneira imediata. Mas, fundamentado nos ensinamentos de Cristo, começa a questionar-se sobre os ensinamentos dos helxassaístas.

¹O termo religião está sendo empregado como: “crença na garantia sobrenatural de salvação, e técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia” (ABBAGNANO, 2007, p. 997).

² Por gnosticismo entende-se, o princípio em que “[...] o conhecimento era condição para a salvação [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 565).

Assim, desprende-se dessa corrente de pensamento e inicia, baseando-se em suas críticas aos helxassaístas, o processo de criação de sua própria religião. Mani foi direto para a prática, não se reservou à uma reflexão madura para elaboração de um pensamento fundamentado na metafísica ou na teologia. Saiu anunciando, por meio de pregações, as suas ideias, que só depois de muito tempo foram pensadas e publicadas em papel (COSTA, 2003).

Posto isso, apresentar-se-á o dualismo ontológico-cosmológico que Mani desenvolve em sua filosofia a partir da herança recebida pela religião helxassaísta e seus conflitos com estes ensinamentos.

Para que se consiga uma compreensão madura do dualismo ontológico-cosmológico presente no pensamento maniqueu, se faz necessário o entendimento da mitologia que fundamenta tal raciocínio. Essa mitologia defende que a história gnóstica da salvação se divide em três momentos:

O primeiro [...], inicial ou passado, engloba as origens cósmicas dos dois princípios, o Bem e o Mal[...] O segundo [...], médio, é o tempo da mistura entre os dois reinos [...] Enfim, o [...] final ou futuro, será o retorno definitivo da Luz às suas origens [...] (COSTA, 2003, p. 41).

Dessa maneira, nota-se o conjunto de perspectivas históricas e cósmicas que proporciona uma compreensão global do universo e da natureza humana. Pois, no maniqueísmo, tudo gira em torno da salvação, desde o mecanismo cósmico³, até o desenvolver-se da história no mundo.

Assim sendo, é possível salvar-se no mundo. Nesse emaranhado cósmico pode-se encaixar o homem, pois ele é aquele que tem a capacidade para se salvar, estabelecendo uma relação entre a cosmogonia⁴, a soteriologia⁵ e a antropologia, visto que este existe, estando no mundo.

Mas, tendo o homem a capacidade de estabelecer uma correspondência entre sua antropologia, a cosmogonia e a soteriologia, onde estaria o dualismo ontológico-cosmológico que se propôs explicitar?

Entendendo-se por ontologia “a doutrina do ser e das suas formas” (ABBAGNANO, 2007, p. 848) e, por cosmologia, “mito ou doutrina referente à

³ Entende-se por cosmo, “o mundo como ordem [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 251).

⁴ “Exposição sistemática dos conhecimentos que se têm a respeito do homem” (ABBAGNANO, 2007, p. 74).

⁵ “Doutrina religiosa da salvação” (ABBAGNANO, 2007, p. 1088).

origem do mundo” (ABBAGNANO, 2007, p. 251), pode-se inferir que o dualismo consiste no fato do maniqueísmo considerar duas naturezas como princípios ontológicos, ou seja, Deus e a matéria, o Bem e o Mal. Daí, o sentido de dualismo: “doutrina [...] que admite dois princípios ou divindades, um do bem e outro do mal, em luta constante entre si” (ABBAGNANO, 2007, p. 346), estando de um lado o reino da luz, a alma e, de outro, o reino das trevas, a matéria.

No reino da luz se encontra o bem. Os maniqueístas acreditam que nesse reino está a casa de Deus, a beleza incomparável e a paz. Num primeiro contato, parece que o deus maniqueísta é parecido com o Deus do cristianismo por apresentar as mesmas características e, também, por sua história ter uma semelhança muito próxima da dos cristãos. Porém, o deus maniqueu é totalmente diferente do Deus cristão. Encontra-se uma primeira distinção em sua natureza, por considerarem-no como algo físico, ou seja, ele é corpóreo, um ser que ocupa espaço, mesmo que não tenha uma forma humana. Um exemplo disso é o fato de o maniqueísta adorar o sol e a lua. No sol, eles reconhecem deus como poder e, na lua, como sabedoria. Outra distinção é percebida na crença no panteísmo⁶, presente em sua concepção de deus. Para eles, deus é uno e múltiplo, infinito e ilimitado (COSTA, 2003). Por mais que seja infinito e ilimitado, por ser de natureza física, acaba se limitando com o reino das trevas, que também é infinito e ilimitado. Isso acontece porque esses dois reinos se encontram paralelamente dispostos, ou seja, um ao lado do outro.

Encontrando, portanto, a sua limitação, torna-se necessária a explicação do reino das trevas que, como ficou claro, caminha ao lado do reino da luz.

No reino das trevas é onde se encontra o mal. Esse reino – por ser também algo físico, corpóreo – é representado pela noite, ou pelas trevas. Nele, não existe um deus, mas um príncipe que o chefia. A esse chefe eles o tratam pelo nome de Príncipe das Trevas. Por ser de natureza contrária, não pode ser considerado um deus.

Os maniqueístas acreditam que tal reino vive em constante tentativa de violação ao reino da luz, visando roubar-lhe a superioridade. O reino da luz é superior ao das trevas, pois enquanto um é ordenado – o da luz – o outro é

⁶ Panteísmo “é a doutrina segundo a qual Deus é a natureza do mundo [...] identificando a causalidade divina com a causalidade natural” (ABBAGNANO, 2007, p. 864).

desordenado – o das trevas. E, por causa das trevas ficarem admiradas com o espetáculo ordenado do reino da luz, sentem inveja e adentram-no, causando grande tumulto. Isso não acontece por “um ato voluntário e consciente por parte do Reino das Trevas, mas determinístico⁷, visto que este, no maniqueísmo, é em si mesmo movimento desordenado, luta perpétua e intestina dos demônios que se devoram e se destroem entre si [...]” (COSTA, 2003, p. 51).

3 O DEUS DE AGOSTINHO

Agostinho recebera influência do pensamento maniqueísta em sua juventude. Por isso, notam-se alguns traços dessa doutrina em sua maneira de pensar Deus. Porém, o Deus agostiniano deve ser entendido no sentido cristão, ou seja, numa perspectiva não-corpórea, não-física, mas metafísica⁸. Por Agostinho superar a maneira maniqueísta de pensar Deus – depois de sua conversão e adesão ao cristianismo – em sua filosofia, Este recebe um novo sentido e explicação.

Por estar em contato com os ensinamentos filosóficos dos estóicos, dos céticos e de Cícero⁹, Agostinho começa a compreender que a verdade – algo que estimava e buscava – não podia ser compreendida como uma coisa dada e acabada, como os maniqueístas apresentavam-lhe. E, com isso, começa a questionar essa linha de pensamento que oferecia “a certeza absoluta, direta e inambígua [sic] a qualquer homem racional” (BROWN, 2017, p. 95).

Agostinho, a partir de então, encontra-se aberto para toda e qualquer fonte que pudesse lhe proporcionar algum tipo de conhecimento, ajudando-o a chegar mais próximo da verdade que tanto buscava. Em 385, decide tornar-se catecúmeno na igreja de Milão e lá conhece o bispo Ambrósio, pessoa encarregada de conduzir o povo desta cidade à fé católica. Agostinho, então, por sentir-se inquieto com os sermões desse homem notável, tal inquietação despertou-lhe o interesse. Admirou-se por sua capacidade e facilidade com a língua grega, visto que Agostinho sempre

⁷ O termo “determinístico” pode equiparar-se ao termo “condição”, no sentido de ser a “[...] previsão provável de um evento” (ABBAGNANO, 2007, p. 201).

⁸ O termo “metafísica” está sendo empregado como pensamento que está para além do físico.

⁹ Os estóicos afirmavam que “[...] o homem era capaz de conhecer com exatidão a natureza do mundo que o cercava e, desse modo, agir sabiamente e com perfeita certeza, à luz desse conhecimento”; os estóicos negavam que “[...] o conhecimento pudesse ser conquistado com tamanha facilidade”; e Cícero ensinava que o sábio “[...] deveria aprender a andar com mais cautela [...]” (BROWN, 2017, p. 95).

teve dificuldade com a mesma. Também lhe encantava o fato de Ambrósio ter sido capaz de defender o Antigo Testamento das objeções maniqueístas. Assim, Agostinho compreende a possibilidade de ver os Patriarcas com um olhar diferente e, com isso, inicia uma nova maneira de pensar Deus (BROWN, 2017).

A partir daí, o pensador começa por desconsiderar a cosmologia maniqueia e já não consegue perceber coesão na explicação daquela mistura dos dois reinos. Com isso, influenciado por Ambrósio, desenvolve seu raciocínio com ideias totalmente novas, em contraposição àquelas que ele havia considerado como verdadeiras, num primeiro momento de sua vida, a saber: as ideias maniqueístas.

Partindo, então, dessa transformação em seu modo de pensar, propõe-se explicitar a existência de Deus de maneira racional. Para isso, inicia o diálogo com Evódio¹⁰, em *O livre-arbítrio*, colocando a este uma questão que vai clarear todas as demais. Pergunta-lhe se Deus existe, ao que Evódio responde: “Isso [...] considero como verdade incontestável, mas pela fé e não pelo entendimento” (AGOSTINHO, 1995, p.77). Procurando mostrar as brechas nessa afirmação, propõe o exemplo de uma pessoa incrédula que pudesse vir a cobrar-lhe uma explicação racional sobre a existência de Deus. Com isso, incentiva-o a querer buscar tal explicação por meio da reflexão das primeiras intuições do espírito humano. São elas: o existir, o viver e o entender.

Segundo Agostinho (1995), há seres que somente existem, como por exemplo, a pedra; outros que existem e vivem, por exemplo, os animais e, por fim, aqueles que existem, vivem e entendem, por exemplo, o homem. Mas, para ele, o ser que possui essas três qualidades é melhor do que aqueles que só têm uma ou duas delas (AGOSTINHO, 1995). E é justamente pelo ser humano possuir a capacidade de pensar racionalmente que consegue compreender a existência de Deus, reconhecendo que acima de sua razão existe algo superior a ela, ao que se conhece pelo nome de Deus.

Exemplificando essa superioridade existente em relação à razão, Agostinho apresenta-nos os números. Reflete que sete mais três nunca vão deixar de ser dez. Seja no passado ou no futuro, permanecerá sendo dez o resultado dessa equação. A essa superioridade dos números, ele compara a existência de Deus. Chama a

¹⁰Evódio já era homem formado quando conheceu Agostinho e, por também buscar a verdade, tornou-se seu amigo (AGOSTINHO, 1995).

atenção para a imutabilidade existente entre os números e relaciona-a com a de Deus. Dessa maneira, apresenta a existência de Deus, admitindo-o como uma superioridade, ou seja, a Verdade que está para além da nossa razão e que nós não conseguimos explicar sua imutabilidade e nem a negar. Essa Verdade, para Agostinho, se apresenta de maneira universal a todos aqueles que conseguem contemplar realidades verdadeiras. A título de exemplo: ela pode ser comparada a uma luz que se esconde e que se mostra ao mesmo tempo (AGOSTINHO, 1995).

Percebe-se, desse modo, que a intenção de Agostinho não é apresentar uma prova material da existência de Deus, mas chamar a atenção para um dado interior presente nos seres compostos de vida, existência e entendimento e que também é superior à razão humana. Sua intenção não é objetificar a existência de um Deus, por meio de fatos, mas procurar resposta para a pergunta que um ateu, conseqüentemente, faz a uma pessoa que se diz professar a fé em Deus, ou seja, ao ser questionado por um ateu sobre o que seria Deus, o crente precisa se basear numa explicação racional que fundamente e convença uma pessoa sem fé daquilo que ele acredita existir. Por isso, Agostinho se alegra por descobrir uma Verdade¹¹ que transcende à razão e que só é possível de ser buscada por meio da área espiritual (BOEHNER; GILSON, 2012).

Reconhecendo essa Verdade que transcende à razão, constata tratar-se de algo mais perfeito do que os seres mutáveis. Agostinho, portanto, considera que esses seres mutáveis se formaram a partir do ser eterno¹² que é, nele mesmo, perfeição e criador dos seres que são susceptíveis de mudança. Sendo assim, Agostinho não somente explica racionalmente que Deus existe, mas que, também, todo bem é obra sua. Desde a maior até a menor manifestação do bem, esta não pode proceder senão de Deus:

[...] não duvides que existe uma forma eterna e imutável, em virtude da qual esses seres mutáveis não se desfazem, mas antes, com seus movimentos compassados e grande variedade de formas compõem uma espécie de poemas temporais. Esse ser eterno e imutável não está contido nem se difunde por lugares, nem se prolonga e varia no decorrer dos tempos. Mas é por sua Perfeição (Forma) que puderam se formar todas as coisas que nos rodeiam, ajustarem-se e serem produzidas [...] (AGOSTINHO, 1995, p. 131).

¹¹ “[...] primeira manifestação imediata e perfeita do ser, ou seja, de Deus [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 1183).

¹² Por Ser eterno subentende-se o mesmo que Deus.

O pensador defende que todos os seres mutáveis são dirigidos por um ser imutável, que os organiza e ajuda-os a se tornarem perfeitos, não os deixando desfazerem-se em si mesmos. Assim, toda a criação que nos rodeia é obra de Deus e são coisas boas. Por meio dele, são ajustadas e produzidas. Considerando-se que Deus é bom e perfeito, pode-se argumentar que somente criou coisas boas por meio da ordem¹³ pela qual é regido o universo. Conclui, portanto, que Deus criou todas as coisas como boas e que nenhuma substância existe que não seja obra sua (AGOSTINHO, 2015). Essa ordem somente começa a existir quando, no mundo, entra o mal. Não é necessária a ordem num lugar onde só existe o bem. Ela sempre esteve junto de Deus, visto que ele é completo, perfeito, pleno, porém só foi utilizada quando o mal entrou no mundo (AGOSTINHO, 2008).

4 O PROBLEMA DO MAL

O problema do mal, como já ficou explicitado, é uma das dúvidas que sempre existiu na vida de Agostinho. Este pensava ter encontrado resposta para tal questão no maniqueísmo, mas percebe a deficiência de tal pensamento e inicia sua jornada por querer compreender a questão no âmbito cristão, ou seja, procura responder de outra maneira, isentando a Deus de ser o autor e o culpado por tais coisas más que acontecem na vida dos homens.

O mal, na filosofia de Agostinho, não tem um caráter de ser, mas é entendido como falta e imperfeição de ser. Enquanto os maniqueístas compreendem o mal como sendo algo físico, corpóreo e que vive em constante conflito com o bem, para Agostinho, o mal não existe no mundo. Para este, o que existe são graus inferiores de ser em relação a Deus. Por isso, o mal tem um caráter moral, ou seja, está ligado ao modo como cada indivíduo se comporta no mundo por meio de sua vontade e liberdade. Sobre isso, comenta Evans (1995):

O que Agostinho tem a dizer sobre o mal deve-se ler em sua globalidade à luz de um princípio básico: o efeito do mal na mente é impossibilitar ao

¹³ A ordem em Agostinho é “[...] aquilo pelo qual são feitas todas as coisas que Deus estabeleceu” (AGOSTINHO, 2008, p. 186).

pecador pensar claramente e, em particular, entender verdades espirituais mais elevadas e idéias [sic] abstratas (EVANS, 1995, p. 53).

Dessas afirmações, podem-se levantar duas questões: a primeira, referente à vontade. Entendendo que Deus é o dispensador da vontade-livre ao homem, não se poderia dizer que ele, de alguma forma, já previa que o mal entraria no mundo? E o segundo problema que diz respeito à liberdade. Em forma de pergunta, poder-se-ia questionar: não é o livre-arbítrio também um mal presente no homem, visto que Deus já sabia que isso o conduziria ao pecado?

A essas questões, responder-se-á, expondo a maneira com a qual o filósofo resolveu cada uma delas. Para Agostinho, duas são as realidades que tornam o homem cúmplice das paixões, a saber: a vontade livre e o livre-arbítrio. Explicitar-se-á esses dois conceitos, em tal filosofia e, isto posto, responder-se-á às questões elaboradas acima.

Evódio questiona Agostinho sobre o que viria a ser a boa vontade, ao que o pensador responde que é viver com honestidade e retidão, para que se possa alcançar a sabedoria (AGOSTINHO, 1995). A partir dessa explicação sobre o que vem a ser a boa vontade, conseguimos a resposta para o que vem a ser a vontade livre.

Para Agostinho, a vontade é aquilo que proporciona ao homem querer gozar ou querer se privar do conhecimento do bem. Ou seja, Agostinho entende que àquele desejo de querer ou não querer está atrelada a nossa vontade. Nessa perspectiva, ela é livre, pois não necessita de algo que determine a sua escolha. Qualquer um a possui e de maneira individual pode orientá-la a desejar ou não tal conhecimento.

Percebe-se que – como já ficou explicitado, quando se falou do bem, nesta pesquisa – as coisas criadas são boas em si mesmas e que o homem, com sua vontade livre é quem escolhe se irá usufruir de maneira boa ou má delas (AGOSTINHO, 1995). Quem utiliza da criação de Deus de forma ordenada mostra que ela é boa. Assim, fica a encargo do próprio homem decidir se vai querer tornar essa criação em algo melhor.

O homem, portanto, usufrui de sua vontade e, por conta própria, escolhe o que seguir e viver. Porém, essa mesma vontade é que tem o poder para fazer ou não sua alma se afastar da proximidade com Deus, afastando-lhe do reto caminho,

ou seja, ao mesmo tempo em que o permite aceitar ou rejeitar o conhecimento do bem, traz consigo as consequências de sua escolha. O que faz com que o homem haja mal é o fato de submeter-se às suas próprias paixões. Quando este permite que a razão seja ofuscada por suas paixões, começa a agir mal.

Ao abordar o assunto do livre-arbítrio, Evódio faz uma pergunta pertinente a Agostinho: “[...] explica-me agora a razão pela qual Deus concedeu ao homem o livre-arbítrio da vontade, já que caso não o houvesse recebido, o homem certamente não teria podido pecar” (AGOSTINHO, 1995, p. 73). Agostinho, quanto a isso, mostra que se o homem não tivesse em si o livre-arbítrio, Deus não poderia fazer justiça, visto que não haveria nem o pecado e nem a boa ação.

Assim, Agostinho convida à reflexão de que ao invés de ficar acusando Deus de ter-nos dado o livre-arbítrio, deve-se condenar o homem que abusa desse dom por Ele concedido. Ainda exorta que se não tivesse recebido tal presente, o homem não poderia viver com retidão, visto que não haveria condição de buscar viver próximo à Verdade.

Isso explicitado, é possível dar uma resposta àquelas duas questões levantadas anteriormente, a saber: entendendo que Deus é o dispensador da vontade-livre ao homem, não se poderia dizer que ele, de alguma forma, já previa que o mal entraria no mundo? e; não é o livre-arbítrio também um mal presente no homem, visto que Deus já sabia que isso o conduziria ao pecado?

A resposta pode ser positiva no primeiro caso. Deus, sabiamente, já poderia prever que o mal entraria no mundo; porém, não podia se meter a impedi-lo, pois assim estaria indo contra a sua própria natureza, a de ser justo. Interrompendo esse acontecimento, Deus não estaria concedendo a vontade livre ao homem, mas privar-lhe-ia desta. E, no segundo caso, podemos aplicar a mesma linha de raciocínio. Deus concede o livre-arbítrio ao homem para que ele usufrua das coisas boas, de maneira boa. Porém, por haver essa liberdade, o homem é capaz de optar por se privar de fazer o bem e, assim, abraçar o mal. Com isso, percebe-se que o livre-arbítrio é um bem em si mesmo, mas que pode ser utilizado de maneira errada, com outra finalidade que não realizar o bem. E mesmo que Deus soubesse que conceder tal dom levaria o homem a pecar, oferece-o para que este possa exercer a sua vontade livre.

Portanto, nota-se que tanto a vontade livre, quanto o livre-arbítrio são bens em si mesmos. Porém, se utilizados de maneira errada, conduzem à distanciação da alma de Deus. E é essa privação de bem que Agostinho considera como sendo o mal. O homem, privando-se da realização do bem, incorre no mal para sua própria vida. Percebe-se, assim, que Deus não é o autor do mal, mas que é somente autor do bem e que os homens são os responsáveis pela administração livre de como este será utilizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mal no pensamento maniqueísta, por ser entendido como algo ontológico-cosmológico, apresenta-se insuficiente para responder às inquietações de Agostinho quanto à questão da sua origem, entendendo que explicar o bem e o mal como algo físico, torna-se insuficiente e duvidosa afirmar como verdade essa luta infinita entre esses dois princípios – onde um não vence o outro – fazendo permanecer, dessa maneira, a dúvida sobre tais questões.

Tendo em vista a melhor compreensão do bem e do mal, Agostinho propõe uma nova forma de pensar, em que o bem é considerado como algo metafísico, criado por Deus e que ajuda o homem na relação de proximidade com a Verdade. Com isso, apresenta-nos o mal como algo subjetivo, ou seja, ele somente aparece quando se estabelece a distância entre a alma humana e Deus. É, portanto, compreendido não mais como algo que vive em constante luta com o bem, mas como algo que só aparece quando se tem a ausência deste.

Com essa maneira nova de pensar tal assunto, Agostinho supera os limites maniqueístas e apresenta uma nova concepção de tais conceitos, explicitando que pelo uso da vontade e do livre-arbítrio é que se opta por escolher o que é melhor para viver, se é o bem – alcançado pela busca da Verdade, ou se é o mal – que consiste na ausência da busca do mesmo.

Nota-se que o pensamento de Agostinho não só é revestido de uma originalidade, como também oferece uma explicação melhor fundamentada sobre a questão e explicação das concepções de bem e de mal. Nos mostra, ainda, uma compreensão de que o homem não deve ficar preso apenas aos aspectos físicos –

como coisas corpóreas – mas como algo metafísico que nos proporciona um melhor entendimento da dimensão e complexidade do assunto.

THE EVIL IN SAINT AUGUSTINE

ABSTRACT

This article aims to clarify the understanding of the problem of evil in St. Augustine, in counterpart to the thought of the Manicheans. The evil for a manichean is conceived as something physical, corporeal, which is in constant struggle with good, trying to steal its brilliance and magnitude. While in Augustine the conception of evil is contrary to this. To explain the problem of evil, he explains that God is the author of good things and that evil is only present when men choose to misuse these gifts, granted by God. In this sense, Augustine overcomes the manichean response to this problem, and thus takes a step beyond a rational thought based only on the empirical. Augustine brings to his foundation the existence of God, and from it he once again explicates the problem, giving it an answer in the light of faith and reason, showing that evil in man consists in the fact of God, moving away from God, not wanting to seek the Truth.

Key-words: Evil. Manichaeism. God. Self-determination. Free Will.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Vozes de Bolso).

_____. **Contra os acadêmicos, a ordem, a grandeza da alma, o mestre**. São Paulo: Paulus, 2008. v. 24. (Coleção Patrística).

_____. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995. v. 8. (Coleção Patrística).

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho**: uma biografia. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo**: história, filosofia e religião. Petrópolis: Vozes, 2003.

EVANS, G. R. **Agostinho sobre o mal**. São Paulo: Paulus, 1995.